



IGREJA MATRIZ DE CAMINHA.

TRES leguas ao norte de Viana, na confluencia dos rios Coura e Minho, está situada a mui antiga villa de Caminha, praça bem fortificada e o primeiro porto deste reino na costa do norte, e que ainda hoje mantem bastante commercio. Alem de muitas obras de defeza antigas e modernas, tem a fortaleza da Insua, (*) a qual é quadrada, e lhe chamam assim por estar situada na pequena ilha que na foz do Minho forma duas barras, a gallega ao norte no fim da qual começa o reino de Galiza com o monte de St.^a Tecla; a outra é a barra portugueza. Pertence-nos este presidio e nelle pomos guarnição. É terra abundante de todos os generos necessarios; o pescado passa pelo mais excellente, sobre tudo os salmões, lampreias e outros peixes que se tomam nas aguas do Minho. Dão á villa perto de 1300 moradores; é bem edificada no geral, e tem uma boa praça com seu chafariz. Porem a construcção mais notavel, que encerra, e que com effeito é digna da attenção e exame dos curiosos, é a igreja matriz da invocação de N.^a S.^a da Assumpção. Muitos a creem obra unicamente d'elrei D. Manuel, e a contam em o numero dos cincoenta templos, fundação deste monarcha; certo é que elle concorreu com largos subsidios, mas a igreja foi levantada á custa dos habitantes da villa, como testemunham documentos do archivo desta, e o tinha affirmado o A. da Corographia portugueza. tom. 1.^o pag. 279. — Sem duvida que desta circumstancia procedeu a delonga da obra, que durou 68 annos, desde 4 de abril de 1488 em que se lhe lançou a primeira pedra até 1556, em que a torre foi acabada, e já por outro mestre. Daremos um extracto da descripção que nos enviou o Sr. M. de J. M. e Cunha, a quem somos devedores do precedente desenho, tirado por um curioso, auctor da *Pedreira*, que ha pouco sahio á luz na cidade do Porto.

(*) Nome corrupto do latim «insula» que significa ilha.
ABRIL 13 — 1844.

Occupa a área desta igreja 260 braças quadradas, comprehendendo nesta superficie as capellas e sacristias. O corpo da mesma com as suas naves tem, pela parte exterior, 156 palmos de comprimento sobre 76 de largo, a fóra a capella-mór, com a qual, de 52 ditos, vem a ter, ao todo, 108 palmos de comprimento, sendo a sua altura de 87 ditos. Todo o edificio é d'architectura gothica, construido de boa cantaria, e ornado em muitas partes com delicados labores, molduras, ornatos, emblemas e outras figuras typicas, ora de meio, ora de inteiro relevo, que realçam a sua elegancia. A torre, cuja altura é de 110 palmos sobre 30 de largura por cada lado, é de figura quadrada e remata em forma de castello com suas ameias e relevos, de cuja symetria com a igreja resulta um todo de mui elegante e magestosa perspectiva.

O frontispicio, que é virado ao poente e tem 90 palmos d'altura até a base da cruz que lhe serve de remate, é acompanhado aos lados com dois corpos pyramidaes, que começando em quadrado de seis palmos por quadro, rematam em relevo de bella architectura gothica, igualando na altura as paredes da igreja. E sendo estes necessarios para encontrar os arcos das galerias internas, aqui servem ao mesmo tempo de mui bello ornamento ao frontispicio, donde se mostra quanto engenhosamente se combinou a segurança com a elegancia; providente economia observada em todas as mais partes do edificio. A porta principal, de 20 palmos d'altura sobre 12 de largo, sendo de volta ou semi-circulo perfeito, não só é guarnecida toda de ricos labores, mas tambem por cima lhe servem de remate tres ordens de variados ornatos, emblemas e figuras a meio relevo de peregrina belleza. A mesma se observa no oculo, o qual é de circulo perfeito com diametro de 20 palmos na superficie; como tudo se mostra no desenho.

Não é menos notavel a porta travessa ao lado do sul, que igualmente é de volta redonda, guarnecida de delicados labores e ornatos, tendo por cima em linha recta os quatro Evangelistas em vulto perfeito, rematando com elegancia e riqueza de ornatos, não inferior á da porta principal, mas de differente gosto. Consta que fôra feita por outro official em competencia com o mestre da obra, chamado João de Tolosa, biscainho de nação. Alguns entendedores dão a preferencia a esta segunda.

As naves, tendo cada uma meia largura do corpo da igreja, e ambas largura igual, descem 15 palmos abaixo do mesmo, em cujo espaço se acham as elegantes frestas que lhe dão luz: e como na frente interior, junto ao arco cruzeiro, tem cada uma das naves sua capella de abobada muito bem lavrada, tambem a parte externa que lhe corresponde é adornada com uma grade ou varanda de pedraria de primoroso lavor, e rica de ornatos, acompanhada aos lados com formosas pyramides no estylo gótico.

A capella-mór [igualmente no exterior] que tem a mesma largura e pouco menor altura do corpo da igreja, é de forma octogonal ou oitavada, e tem em cada um dos seus angulos um pé direito de seis palmos em quadro, acabando em bellissimas pyramides do sobredito estylo, que servem de balaustres a uma varanda de pedraria de dez palmos de altura, a qual é construida com grande variedade de aprimorados ornatos, emblemas e trophéus, e corôa todo o dito corpo em volta, tornando-o vistoso e magnifico sobre todas as mais partes deste elegante edificio, pelo que toca ao aspecto externo.

Pelo que respeita ao interior do templo, não é menos digno de curiosa attenção. Tem esta igreja, fóra a capella-mór e mais capellas, 150 palmos de comprimento e 70 ditos de largura, que vem a fazer 105 braças quadradas. O corpo da mesma é sustentado sobre duas galerias de cinco arcos de volta redonda, cada uma, e firmados sobre doze formosas columnas, seis de cada lado. Tem estas, com os seus capiteis e ricos pedestaes, 34 palmos d'altura, não tendo mais do que tres palmos de diametro. Ninguem, que alli entra, deixa de admirar como tão altas e delicadas columnas sustentam um pezo tão enorme, qual é todo o alto corpo da igreja.

Comprehende o templo seis capellas d'abobada primorosa; as mais notaveis pela sua grandeza são a capella-mór e a do Senhor Jesus dos Mareantes. Ambas são sustentadas com quatro pés direitos, donde nascem de cada um cinco arcos que ramificam em voltas e laçadas de particular belleza, tendo nos encruzamentos ricos florões dourados: brilham igualmente em seus ornatos as capellas do Sacramento e do Rosario, construidas tambem no gosto antigo, como todas as outras, exceptuando a capella do Desterro, que é de meia laranja e pelo systema classico. Antigamente teve seis altares, como escreve o P.^o Carvalho, mas hoje estão reduzidos a doze, merecendo attenção o singular retabulo do altar do Rosario, e sobretudo o do Sacramento em que se veem esculpidas com eximia perfeição as imagens do Salvador e dos dois apostolos: o sacramento, obra de muita formosura, abrange outro corpo mais pequeno, que serve de cofre ao sagrado vaso, e que volteia em rodizio, para mostrar nas oito faces outros tantos Passos da Paixão do Redemptor, de meio relevo e de inexplicavel primor.

A altar dos Mareantes, grande, magnifico, de

rica talha funda, tambem no gosto antigo, e todo dourado, se faz notavel por encerrar occulta, para só ser vista em grandes festividades ou de gala ou de penitencia, a mui devota e veneranda imagem do Senhor Jesus no passo de Ecce Homo, cuja aparição nos mares desta costa, ha cousa de trezentos annos, se tem por milagrosa, e quando menos, é mui singular. Foi no anno de 1539, quando os lutheranos do norte mais se enfureciam contra as imagens, que n'um lanço de rêdes appareceu um avultado caixão, cheio de limos e mariscos, que pensando os pescadores ser algum monstro marinho nunca até alli visto, se encheram de horror e susto; observando porem que o vulto não bolia e sómente vogava á mercê das ondas, vencido o medo pela curiosidade, outra vez se animaram a chegar-se e arrasta-lo para fóra. Então visto e aberto o caixão, e observando o que encerrava, succederam os transportes de admiração, e o acatamento misturado com o jubilo. Estava o caixão fechado com tal segurança e precaução, que não sómente a santa imagem e mais dois preciosos calices de prata dourada, mas até ricos paramentos de seda bordada e recamada de ouro e prata, que tambem encerrava, estavam perfeitamente conservados sem a minima avaria. Ainda hoje com estas alfaias se celebram as principaes funcções da muito antiga e privilegiada irmandade dos Mareantes; e tambem ainda guardam algumas taboas como documento do successo.

A capella-mór, como cumpria, excede a todas as outras em magestade e belleza; e basta dizer que faz o mais apparatuso e agradável effeito nas grandes solemnidades religiosas.

Passámos em silencio as bellas sacristias, o esplendido côro, o magnifico orgão, os ricos pulpitos, o formoso tecto do corpo da igreja, lavrado com singular delicadeza de talha em florões, matizados com as nativas côres de exquisitas madeiras de fóra, e com estylo sempre variado, e assim outras muitas peças e preciosidades; porque seria tomar largo campo o referi-las. Tudo corresponde á grandeza do templo; e pena é que tão bello edificio seja ameaçado de ruina, por lhe serem tirados ultimamente os meios que tinha para a sua manutenção na extincção do imposto do real d'agua applicado para esta igreja. Ainda bem que nos consta que o Ex.^{mo} Sr. Governador Civil actual de Vianna, inteirando-se pessoalmente da importancia do edificio, tomou a peito providenciar a sua futura conservação.

ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO MINISTRO D'ESTADO.

(Fragmento.)

Educação.

Em todos os tempos os philosophos tem proclamado não só a importancia, mas até mesmo a necessidade da educação assim a bem do individuo como da sociedade considerada collectivamente. Desde a mais remota antiguidade sempre aquelles mestres do genero humano entenderam = *que os homens tudo quanto são o devem á educação.* Em tempos mais modernos dizia um delles aos legisladores = *Se quereis reformar as leis e as instituições começai pela educação.*

Todavia aquellas saudaveis advertencias não pro-

duziram, nem podiam produzir, senão mesquinhos, incompletos, e tardios resultados em quanto a educação, e a instrução senão tornasse verdadeiramente nacional, e não fosse considerada como essencialmente connexa com o systema inteiro da administração publica, e fundada em considerações, e garantias tão seguras como o devem ser as da organização social, mórmente quando se trata de estabelecer, e consolidar uma reforma politica, pois é evidente que esse importante resultado não poderá jámais conseguir-se sem que ao mesmo tempo se promova a verdadeira *regeneração social* por meio de um conveniente systema de educação publica.

Hoje felizmente está reconhecido como principio invariavel de jurisprudencia constitucional que « a lei deve assegurar á mocidade uma educação conforme á capacidade do alumno, e ao interesse geral do estado. »

No systema verdadeiramente constitucional a educação e instrução deve servir de base á organização do edificio social todo inteiro, porquanto os cidadãos não devem ser havidos por capazes de entrarem como *maiores* no exercicio de seus direitos civis; ou como *emancipados* para adquirirem os direitos politicos, pelo simples facto material de haverem completado certos annos de idade, ou respondido a illusorios exames de capacidade, mas sim por haverem provado sufficientemente como possuem os conhecimentos indispensaveis para poderem exercer aquelles direitos sem arriscarem os seus proprios interesses, ou os deterceiro; e por outra parte em razão das condições, que se requerem para a candidatura, ou eligibilidade dos diversos empregos, pois a eligibilidade não deve ser dependente nem da idade, nem dos teres, e haveres do cidadão, mas sim da sua capacidade physica, intellectual, e moral.

A educação no sentido mais geral abrange o complexo dos meios, que o legislador deve empregar para que se cultivem as qualidades physicas, e moraes do homem, afim de se tornar util a si mesmo, e á sociedade, de que é membro, ou parte integrante. — No sentido physico comprehende tudo o que respeita á conservação da saude, força, e agilidade do corpo. — No sentido moral tem por objecto o desenvolvimento da intelligencia, e a formação do character moral do cidadão, afim de se aproveitarem as suas boas qualidades, e de se eliminarem, ou reprimirem as viciosas.

É mister pois que a educação seja *nacional*, e dirigida systematicamente pela auctoridade publica — que comprehenda a totalidade dos cidadãos — que comece o mais cedo possivel — e proceda de um modo uniforme a respeito de todos, sem outra differença que não seja a que resulta da capacidade individual de cada um.

Entretanto porem cumpre conciliar os interesses geraes da sociedade com os sentimentos habituaes dos pais de familia, e não constranger estes a fazerem educar, e instruir seus filhos nas escholas nacionaes. No estado actual da sociedade é forçoso deixar uma certa latitude ao direito dos pais, e dos tutores quanto á escolha do systema d'educação de seus filhos ou pupilos. Todavia não se deve perder de vista que esta ordem de cousas cada dia se torna mais incompativel com os progressos da civilização, ou para melhor dizer, só por não haver por ora outro meio mais conveniente, é que se deixa aos pais, e tutores a direcção da educação, pois um dos primeiros cuidados da sociedade deve ser

o de criar uma auctoridade, ou magistratura especial para satisfazer a esta necessidade.

Ainda que os pais, e os tutores sejam assaz interessados no exito da educação, nem por isso são as pessoas mais proprias para a dirigir, porquanto para se desempenhar qualquer obrigação não basta *querer*, mas é necessario alem disso *saber*, e *poder*. — Ora a maior parte dos pais não *sabem*, nem *podem* dirigir a educação de seus filhos. Alguns ha que tem tempo, e meios, mas faltam-lhes os especiaes conhecimentos necessarios. — Outros bem que assaz instruidos para se incumbirem do ensino de seus filhos em alguma sciencia, ou profissão [ainda mesmo suppondo que os filhos as queiram seguir] não tem tempo para os ensinarem. Finalmente ainda que todos os pais em geral desejem a seus filhos grandes talentos, e altas capacidades, isso na maior parte dos pais não passa de uma velleidade, pois bem longe de empregarem os meios, de que podem dispôr para conseguirem o seu fim, as mais das vezes não fazem senão contraria-lo. — É um facto averiguado que os pais pela maior parte não só não são aptos para dirigirem a educação de seus filhos, mas nem mesmo são capazes de escolher quem os possa educar.

Entretanto por ora não ha outro remedio do que por uma parte convidar os pais por meio de vantagens reaes, tanto para elles mesmos como para seus filhos; e por outra parte fazer-lhes sentir que ao *direito* que aos pais se mantem de dirigirem a educação de seus filhos, corresponde o *dever* de o fazerem em conformidade das leis, que regulam o plano, e andamento da educação pela maneira mais conforme aos interesses dos educandos, e da sociedade; e não cumprindo os pais com este *dever* é visto desistirem daquelle *direito*.

As vantagens que, mediante estas disposições se asseguram aos alumnos, e por conseguinte aos pais de familia, são: — 1.º a certeza de adquirirem pela profissão em que necessariamente hão de matricular-se [pena de serem havidos, e castigados por vadios] um meio de subsistencia analogo á sua individual capacidade, e industria; — 2.º uma infalivel garantia prestada pelo gremio respectivo contra qualquer sinistro de força maior, que lhes possa sobrevir em todo o decurso da vida. [Vej. *Manual do cidadão, ou Principios de direito constitucional, administrativo, e das gentes.*]

É conforme á doutrina, que deixámos expandida, comprehender-se no numero das attribuições de cada um dos corpos incumbidos dos diversos ramos de administração publica, promover aos seus administrados todos os meios de instrução segundo as necessidades de cada um, sua capacidade, e gradação social. [Vej. *Manual do cidadão ou Principios de direito constitucional, administrativo e das gentes.*]

Uma vez satisfeito este primeiro *dever* para com os administrados a administração adquire o *direito* de exigir delles provas de capacidade, e habilitação afim de poderem ser admittidos aos diversos empregos, e mesmo entrarem na plena fruição dos seus direitos civis, visto que não se deve conceder a livre disposição de sua pessoa, e de seus bens senão áquelles, que offerecerem á sociedade uma sufficiente garantia de não abusarem dessas faculdades por falta de capacidade.

Devendo porem haver uniformidade nos estudos communs ás differentes profissões cujos interesses são confiados aos diversos corpos administrativos,

cumpra que os membros incumbidos da direcção dos estudos em cada repartição [*Projecto de Codigo politico para a nação portugueza*] se reunam para formarem um corpo especial com o cargo de promover, e dirigir a educação e instrucção publica, sem todavia tolher a liberdade, que compete a cada cidadão para cultivar qualquer ramo de instrucção, quer seja como professor, quer como estudante.

É certo que o exercicio deste ramo de industria deve ser pelo menos tão livre como qualquer outro. Como porem a sociedade é interessada em que nunca faltem meios de instrucção, o governo não deve descançar na eventualidade das empresas particulares, e portanto ainda mesmo facilitando, como é justo, o estabelecimento, e favorecendo quanto depende das auctoridades o exito destas empresas, deve prever, e prevenir os acontecimentos, que poderiam trazer a decadencia dellas. — Além de que á vista dos progressos que se fazem em outros paizes, não progredir seria retroceder, e por isso o governo deve sustentar escholas de diversas sciencias, artes, e officios ao nivel dos progressos do seculo.

Esta medida deriva ainda de outra necessidade, e vem a ser: que o ensino de um grande numero de artes, e sciencias exige estabelecimentos assas vastos e dispendiosos para serem creados e mantidos á custa dos particulares, taes por exemplo: — como as escholas de agricultura pratica; as de minas; de medicina; de veterinaria; os observatorios astronomicos; as escholas militares, as de marinha, as de artes e sciencias &c.

Para maior desenvolvimento sobre a materia da educação, e instrucção segundo o direito constitucional veja-se: *Pinheiro-Ferreira — Manual do cidadão, conferencia 19 a pag. 448.*

E quanto á jurisprudencia applicada ao positivo da legislação sobre esta materia veja-se: *Projecto de Codigo politico para a nação portugueza do mesmo auctor.*

Filippe Ferreira de Araujo e Castro.

O GALARDÃO DE SERVIÇOS.

O GRANDE Duarte Pacheco Pereira morreu miseravelmente no hospital de Lisboa, e sua mulher e um filho unico viveram de esmolos!

O grande D. Francisco de Almeida, visorei da India, morreu atravessado pela garganta com um agudo ferro, na *Aguada de Saldanha*, ás mãos dos cafres!

O grande Affonso d'Albuquerque, governador da India, morreu no mar, vindo de Ormuz para Goa, proferindo as palavras: — *Mal com elrei por amor dos homens, mal com os homens por amor d'elrei!*

O grande D. João de Castro, visorei da India, morreu pobre!

O grande Nuno da Cunha, arrogante, e temerario cavalleiro, morreu prezo, na viagem, vindo das ilhas dos Açores para o reino, e foi lançado no oceano!

O grande Antonio Galvão, governador de Terna-te, voltando á patria morreu no hospital de Lisboa!

O grande Francisco Barreto, governador da India, morreu nas inhospitas e pestilenciaes ribeiras do rio Cuama, pobrissimo!

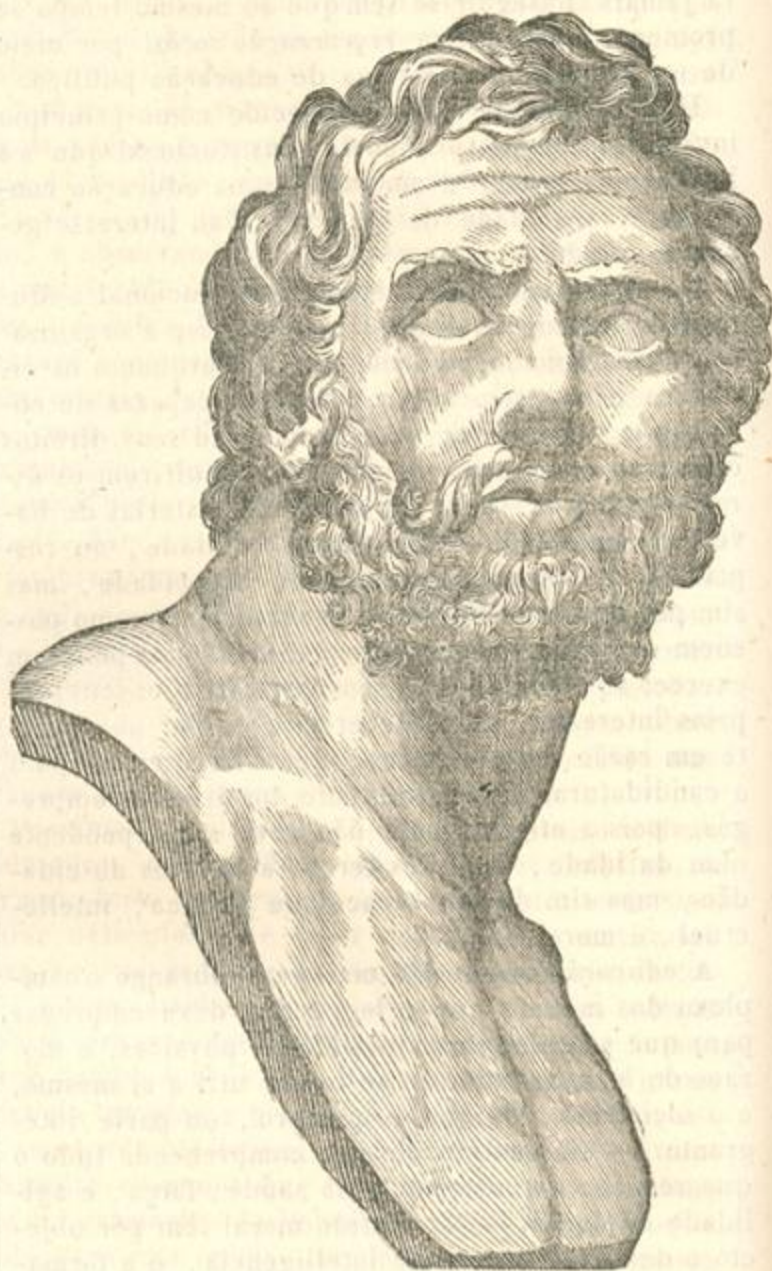
Luiz de Camões, principe dos poetas lusitanos, não foi por certo menos pobre, e lastimoso o seu fim, na capital do nosso reino!

O premio destes heroes provoca altas meditações; pois faz ver na vacillação de nossos destinos a incerteza com que caminhámos neste mundo.

Tal a vida enganosa,
Resplendor falso, gloria mentirosa.

Laura de Anfriso, de M. da V. Tagarro.

(*O Abbade Castro.*)



Esta cabeça é um formoso specimen da antiga escultura, que foi achado em excavações feitas em Roma, e hoje se conserva no museu britannico em Londres, sem designação de nome ou de attributos, porque não se lhe poderam marcar: todavia é um modelo excellente offerecido ao estudo e contemplação das pessoas entendidas em materia de Bellas-Artes.

De tempos mui remotos os povos levados pelo instincto da imitação começaram a copiar a natureza grosseiramente: porem naquelles que crearam a primitiva civilisação annunciou-se logo o aperfeiçoamento, que em tempos futuros chegou a tal gráu de perfeição que quanto a essas artes imitativas não tem rival nos modernos. — Os egypcios, como se deprehe de das gravuras da obra magistral de Denon, e de outras, sobresahiram nas delineações graphicas, em que mostravam um perfil e contorno grandioso e sublime. As suas obras precederam muitissimo ás dos gregos, que as aperfeiçoaram. Tambem sabiam gravar, como se vê das tabellas de metal, que se encontram com as momias; e o modo

de abrir os hyeroglyphicos em seus monumentos não pôde ainda ser imitado.

Os primeiros pintores gregos, de que ha memoria, foram Cleanthes e Ardices de Corintho, anteriores ao grande poeta, Homero: a pintura no auge do seu brilho teve Apelles, Protogenes, Parrhasio, Zeuxis, Polygnoto, Timante, Apollodoro, e outros muitos, de que ha menção nos escriptores antigos. — Os romanos, republica militar, animaram muito pouco a pintura; e poucos nomes deixaram alem dos libertos que se empregavam como ornataistas dos palacios.

Os gregos todavia ainda primaram na estatuaria mais que na pintura: o grande orador e politico Pericles foi em Athenas o patrono dos esculptores, e os nomes de Phidias e Praxiteles são immortaes.

Os italianos na idade media e por muitos seculos foram os artistas de toda a Europa; porem hoje todas as grandes capitães tem suas academias de Bellas-Artes, onde se estuda com applicação e esmero.

ESTUDOS MORAES.

II.

O parochó d'aldeia.

(Continuado de pag. 386 do vol. antecedente.)

S. PANTALEÃO era como disse o orago da freguezia aldean, cujos habitantes mais conspicuos o leitor já conhece, e por via dos quaes o puz em contacto com as differentes classes de que se compunha aquelle mundozinho, ou, para melhor dizer, e fallar de modo que não me entendam, aquelle *microcosmo*: Esse grecismo expremeu-mo do espirito S. Pantaleão, que, segundo bem pondera a folhinha, foi medico, e os medicos finam-se por grego. O padre prior e o sacristão representam a igreja, espiritual e materialmente, o Agostinho da tenda o commercio, o Barnabé a agricultura, a senhora Perpetua Roza a industria, e finalmente o honrado Bartholomeu da Ventosa representa nos seus sonhos a industria-agricola, ou a agricultura-industrial, genero d'existencia lembrado pelos economistas da Alemanha para salvar as classes laboriosas do horrivel futuro com que as ameaça o vapor; porque se hade advertir que alguns restos de prudencia e juizo que ainda havia cá por esta nossa Europa varreu-os Deus para aquelle canto do mundo, a que nós chamámos a terra das theorias e das chimeras; nós os homens do meio-dia que fazemos phalansterios e não sei quantas mais comedias politicas capazes de fazer rir — quem direi eu? o proprio mirradissimo S. Pantaleão da Cidade eterna.

Eterna, entende-se, até que o primeiro cometa venha embrolhar na cauda este nosso *microcosmo* tão caturra e parvo chamado o orbe terraqueo.

Celebra-se a festa de S. Pantaleão a vinte-sete de julho; data preciosa e averiguada por mim em largas vigílias, consumidas em revolver breviarios, antiphonarios, legendarios, missaes, sanctoraes, e livros historiaes, na phrase daquelle grande rhetorico Gomes Eannes. Está a folhinha pontualissima; podem acreditar-me! Celebrou-se, celebra-se e hade celebrar-se a festa de S. Pantaleão, o bemaventurado physico, todos os vinte-sete de julho até a consummação dos seculos; salvo o caso de ninguem se lembrar daqui a cem ou duzentos annos de que existiu no mundo o meu rico santo; mas espero tal

não aconteça ficando lançada a sua memoria nestas paginas, ás quaes incontestavelmente pertence a immortalidade.

Mas, acudirão os leitores, que nos importa a nós que essa commemoração seja a vinte-sete ou a vinte-oito; seja em julho ou em dezembro? Vamos á festa, e deixemo-nos d'historias. Devagar, devagar! — É justamente porque isto é uma historia grave, sisuda, e erudita, que eu não me havia de metter abrutadamente na narração, sem deixar averiguada, espiolhada, e fixada a data precisa, e irrecusavel do meu *recontamento*. Sabem o que é uma data? Uma data é, depois d'uma questão d'orthographia; do talho e feitura d'uma judia, a que os nossos velhos chamam uma aljuba; e depois d'um phalansterio, a que os ditos velhos chamariam uma sandice; a cousa mais importante que eu conheço neste valle de lagrimas. No caso presente: supponhamos que eu fosse um cabeça de vento, que atirasse com S. Pantaleão para vinte-sete de dezembro. Ficavamos acedados; não tem duvida! — Ahi se me ia metter a segunda oitava do Natal com o meu santo martyr; e eu a querer revestir o meu padre prior para a missa cantada e a ver-me doido na escolha da vestimenta. Vermelho? Saltava-me a canzoada dos criticos: — Fóra ignorantão! — Vermelho na segunda oitava da Natividade! — Vai ler o Claudio de Vert, alarve! vai ler o Campello, o Gavanto, o Lambertini. Atarantado com a grita atirava-me ao gavetão da vestimenta branca. Peior! Vinha-me outra surriada de sotavento: — Olha a alimaria! — não querem ver? A um martyr vestimenta branca! — Hypocrita! que nos anda aqui a prégar sermões a favor dos padres e dos frades, e ainda não sabe qual é a sua vestimenta direita. Ahi tem os taes escrevedores d'agua doce, que se riem á socapa das arcadias, e das odes pindaricas, e da sciencia em notas, e das chronologias de Penafiel. A gente que fazia essas cousas trazia as vestimentas na ponta da lingua: distinguia-as como *hora horæ de servus servi*. Vai ler, oh taboa raza de Locke, vai ler o Prado, o Clericato, o Bauldry, o . . .

E eu que não podia ir ler tanto calhamaço em folio, em quarto, em oitavo, e em doze, estacava, punha-me a gaguejar, perdia o fio da narrativa, e não proseguia nesta notavel historia do padre prior, a qual me abria as portas do Instituto Historico de París, se eu fosse tão creança que me resolvesse a pagar não sei quantos francos por anno para gosar dessa incomparavel honra.

Por isto façam os leitores idéa das deploraveis consequencias de um erro de data! Porem — replicarão elles — quem te obrigava a tratares essa questão chronologica superior talvez ás forças do teu entendimento? Não foste andando até aqui sem te metteres nesses debuxos? Porque não descreves a festa deixando aos entendidos em calendario o po-la na epocha propria? — Bonissimos leitores, pensais vós que eu sou o Manuel da Ventosa, que me deixe assim esmagar por uma saraivada de perguntas? Enganais-vos! — A resposta vai cahir dos bicos desta penna como as frechas de Apollo *longe-asseteador* cahiam no campo dos argivos, segundo resa Homero no capitulo primeiro da sua chronica das birras do Pelida e do Atrida: a minha tréplica vai tomar sobre os prelos convincente, irresistivel, irreplicavel. Ei-la. Finjamos por um momento que em vez de consultar os respectivos auctores sobre a verdadeira casa de S. Pantaleão no taboleiro do calendario, nem sequer pensava nisso e começava *ex abrupto* a

scena da festa aldean. Que succedia? Como estamos no inverno, e eu gósto do inverno, principalmente quando ruge uma boa nortada [são gostos] punham-me a descrever um destes formosos dias de dezembro ou janeiro em que o firmamento parece retinto de novo no seu tão lindo azul, em que a verdura infantil das searas á flor da terra sorri estirando-se dos topos arredondados dos outeiros pelo pendor de recostos levemente inclinados; em que a relva se mira á luz vermelha da aurora no espelho do caramello que envidraça a superficie dos pegos e remansos dos regatos. Fallar-vos-ia d'uma abençoada missa do gallo na aldeia em noite de luar, missa mil e quinhentas vezes mais poetica do que toda a poesia protestante desde Luther, o pai do protestantismo, até Strauss que hoje lhe tira as derradeiras consequencias; fallar-vos-ia, enfim, de mil cousas, muito bonitas, muito viçosas, muito brilhantes, mas que viriam tanto a proposito de S. Pantaleão, como o anho paschal daquella santa velha da tia Jeronima viria a pello da Natividade com o seu caldo tradicional de perum, ou como o estillo do nosso drama moderno se casa com a linguagem da sociedade cujo transumpto deve ser. É por esta razão que em cousas serias quaes a presente narrativa, eu sou muito pechoso em averiguar tudo quanto póde contribuir para a perfeição de obras em que a fórma de modo nenhum hade vencer a substancia:— e a essa classe pertencem estes estudos moraes.

Resolvida e assentada a questão de tempo e lugar, sem o que não ha obra litteraria, segundo affirmam os glossadores e espivitadores daquella famosa embrulhada d'Horacio chamada a Epistola aos Pisões, resta dizer alguma cousa ácerca de S. Pantaleão. Por muita importancia que eu ligue á feira, aos foguetes, aos buscapés, ás jarras de flores, aos tocheiros accesos, ao sacristão, á musica, aos festeiros, e ao padre prior, ligo muita mais á memoria daquella cuja festa trazia n'um rodopio toda a aldeia, e até tivera a influencia magnetica de alargar os fechos da bolça ao veneravel moleiro Bartholomeu. Tenham, portanto, paciencia; que já agora heide dizer-lhes duas palavras ácerca do meu rico santo. São reminiscencias do sermão, o qual, desde aqui fique sabido, foi feito e prégado por Fr. Timotheo, o fradalhão arrabido de mendicante e espoliada memoria. É pouco mais ou menos um resumo da historia do santo como a contou Fr. Timotheo. Parece-me que o estou ouvindo!

S. Pantaleão era um medico de Nicomedia: o bispo Hermolau o converteu ao christianismo. Desde então reduziu o seu receituário á invocação do nome do Senhor. Seguiram-se daqui duas consequencias graves: as suas curas foram mais baratas e mais rapidas, ao mesmo tempo que as offertas dos doentes escaceavam nos templos pagãos; e os sacerdotes d'Esculapio começavam a morrer litteralmente de fome. O resultado foi um clamor geral contra o pobre santo: os sacerdotes accusavam-no de impio e de bruxo, os medicos de charlatão. O odio contra elle chegou ao ultimo auge: só faltava uma occasião para a vingança: essa não tardou a apparecer.

«Não, que não havia de chegar! — rosou o barbeiro, que espécado em frente do pulpito meneava para os visinhos de quando em quando a cabeça em honra da eloquencia de Fr. Timotheo que narrando a vida do santo esbravejava como um possesso. «Não, que não havia de chegar! — Bastavam os medicos.

Os medicos, e os cirurgiões! Posto que até certo ponto pertença á faculdade, heide dize-lo, — é a classe mais invejosa do merito, que eu conheço.

O barbeiro pensava assim havia muitos annos! — Desde que fóra cruelmente arranhado por tres rapozas que os lentes do hospital lhe tinham largado ás pernas em um exame de sangrador. Boas ou más, eram as suas doutrinas.

Entretanto o arrabido continuava a lenda de S. Pantaleão: as idéas que della conservo são as seguintes:

Neste meio tempo veio a Nicomedia o imperador Maximiano. S. Pantaleão restituiu perante elle a um paralytico o uso dos membros, o que nem os sacerdotes pagãos, nem os medicos tinham podido fazer, mostrando assim quanto era poderoso o Deus dos nazarenos. Mostrar aos poderosos que se tem razão contra elles é o maior dos perigos do mundo. S. Pantaleão experimentou-o. Lançaram-no ás feras no circo: mas as feras em vez de o devorar, vieram lambe-lhe os pés. Cresceu a colera do imperador. Mandou ata-lo a uma grande roda e solta-lo por uma ladeira abaixo, mas as prisões quebraram-se e o suppliciado ficou illeso. Então ordenou que o degolassem. O santo, segundo parece, estava já saciado de prodigios: ao golpe do algoz a cabeça voou-lhe dos hombros, e a sua alma subindo ao céu viu o proprio nome escripto no livro dos martyres. O inferno e a tyrannia tinham sido mais uma vez vencidos.

Tal é em poucas palavras a historia do santo orago da aldeia, que constituia os dominios espirituaes do padre prior.

A noite que precedeu á grande solemnidade da parochia foi semelhante naquelle anno em que succedeu o caso da Bernardina ao que havia sido no anno antecedente — similhante ao que costumam ser taes noites nos campos deste nosso bom Portugal. Um coreto cuberto de velhos razes se alteava á porta da igreja: delle resfolgava uma selvagem e ás vezes atrozmente desentoadada musica, e em baixo crepitavam as fogueiras. Como faltariam fogueiras no mez de julho e em festa saloia? Os fogos nocturnos são o symbolo da alegria; mas cumpre que se repintem no céu diaphano e estrellado: debaixo de uma atmosphaera crassa e negra o seu reflexo tem o que quer que seja soturno e infernal. O sentimento poetico está mais vivo e puro nas almas habitadas ás harmonias campestres, do que em nós os habitantes das grandes cidades: é por isso que os camponeses accendem no estio as fogueiras festivas, usança que, como todos sabem, offende o nosso profundissimo e estupidissimo senso-commum. Eu, por mim que graças a Deus não tenho a honra de pertencer á classe d'esses que lidam, contentes de si, por se bambolearem no vertice da animalidade pura, e que se chamam homens da vida positiva, digo que por mais ardente que vá o estio, amo uma fogueira no arraial em vespera de festa, e aquelle estourar e chispar dos foguetes que roçam rapidos pelo manto escuro da noite. Sei tambem que o consumir-se polvora em esbombardear cidades, e em alastrar de cadaveres um campo de batalha é cousa muito mais philosophica e sisuda, que desbarata-la nas festividades supersticiosas do povo. Mas nem todos podemos ser philosophos, e eu tenho queda particular para a superstição.

E que quereis? O catholicismo é jovial: o culto romano, como o vulgo o entende, é ruidoso, e risinho, e brilhante e attractivo, e sociavel, e por

isso debalde trabalharieis por arranca-lo ao povo, que vive e morre no meio do trabalho, dos cuidados, das privações. O domingo, o dia santo, o orago da parochia, são os seus dias de contentamento e repouso. Abençoado quem inventou os oragos! Pois as invocações da virgem, e a advocacia dos santos?! Mil vezes bemdito quem os multiplicou! Ride-vos, se vos aprouver, dos que creem que tal Senhora obra mais maravilhas que todas as outras Senhoras juntas; que tal santo é remedio infallivel para esta ou aquella enfermidade. As preces levam pelo menos uma vantagem ás drogas dos physicos: não custam nada e são mais ricas de esperança; e a esperança é a maior, quasi a unica, virtude dos medicamentos. E depois as devoções, as promessas geraram as romarias, as festas, e logo as feiras e todo esse franco e alegre folgar das multidões que voltam de lá contentes, sem tedio e sem remorsos, o que nem sempre nos acontece nos nossos prazeres das cidades, a que bem longe estamos de associar nenhum pensamento de Deus.

Alguns economistas destes tempos dizem — «as feiras vão-se» — como certos doutores de ha uns annos diziam, alludindo ao christianismo — *os deuses vão-se*. Oh semsaborões dos meus peccados! Nem os deuses, nem as feiras se vão! Tudo isso fica, porque o abriga e salva a egide encantada do amor popular: vós é que tendes seguro o passardes; e se fizerdes o vosso ablativo de viagem n'alguma aldeia como a do meu padre prior, lá do adro, onde haveis de jazer, alevantai a caveira descarnada, no dia de S. Pantaleão, ou do santo influente do logar, qualquer que elle seja, e vereis o foguete subir aos ares, e os Manueis e as Bernardinas de então a feirarem-vos em rebem dita sobre as cinzas, que as ventanias terão espalhado, e ouvireis o ramran da guitarra, e o cantar ao desafio, e o bradar dos leilões de cargos, e aviventar-vos-ha o olfato o cheiro do incenso, envolto em rolos de fumo que espalmado-se nas faces dos gordos cherubins pintados no tecto surdirão pelo portal da velha igreja remoçada d'ochre, e virão embalsamar os ares: inclinaí, não as orelhas que não as tereis, mas os ouvidos em osso, e escutai o futuro padre prior alevantando o *Gloria*, e o prégador — ai! já não será um fradalhão arrabido. . . . Mas quem sabe. . . — cantando, voz em grita, as maravilhas do martyr. Então reconhecereis a vaidade das vossas doutrinas, e morder-vos-heis e damnar-vos-heis, dizendo com as vossas costellas esbrugadas, á falta de botões: « Bem nos prégava aquelle grande chronista do padre prior! Aquillo é que era homem de juizo! *Miserere mei, Deus, quia asinificavimus!* — Compadee-te de nós, Senhor, porque asneámos!»

Agora por asneiar acudamos a um reparo antes de ir mais longe. Já ouço um destes oragos de botequim [tambem aquelles templos tem seus oragos], um destes eruditos em Balzac e Marryat, em Paul de Kock e Dickens, sacudir a melena anelada, afastar da boca o charuto apertado entre o pai-de todos e o fura-bolos, salivar com os dentes cerrados, dando um som d'espirro de gato, tomar a postura solemne que estudou n'uma gravura em madeira do Antony de Dumas, e dizer-me em tom pausado e soturno: — «Oh malfeliz, malfeliz! que em vez de empregares esses raios de fogo ceruleo e invisivel das inspirações estheticas, que, da mysteriosa solidão em que se dilata o halito celeste da summa intelligencia, desceu aos abyssos intimos da tua essencia, em depurares o sentimento religioso das

suas formulas materialisadas para o transportares a regiões ideaes do culto intimo, seguindo os vestigios das notabilidades mais remarcaveis da intellectualidade actual que fluctuam nos grandes centros de luz progressiva chamados Paris e Londres, vertes os teus sarcasmos baixos, triviaes, e desgostantes, sobre o espiritualismo pantheistico, apoias o fetichismo, e poetisas — crês poetisar, digo eu — essas festas da populaça, e esses prazeres gordureiros das massas, que sublevam o coração daquelle que adora o supremo architecto no silencio interior, em quanto os seus labios estão immoveis como se elles fossem de marmore explorado nas carreiras de Paros! Escriptor retrogrado e condemnavel, que em logar de combateres a barbaria do paiz, pertendes atacar mais o povo ao obscurantismo, que dirão as summidades do jornalismo estrangeiro e os toiristas e impressionistas viageiros quando lançarem seu golpe d'olho d'aguia para o Portugal, e virem sua materialisação supersticiosa inculcada, e suas tradições grosseiras exaltadas? Repetirão o que o immortal marido de Lady Byron dizia de nós a proposito de uns cachações com que o massacraram certa noite á sabida de S. Carlos.»

«Nação impando de ignorancia e orgulho,
Que lambe e odeia a mão que brande a espada
Que do Gallo assanhado á zanga o rouba (1). . .»

.....
Onde é sujo o palacio ao par da choça,
E o hospede forçado em lama trepa.
Onde nobres, plebeus nunca pensaram
Em ter limpa a casaca ou roupa branca, (2)
Postoque a lepra egypcia os cubra e rôa,
Intacta d'agua a pelle, e a grenha hirsuta.

Servos torpes e vis (3), bem que nascidos
Nas pompas da creação. Tola és, natura,
Com defuntos ruins em gastar cera.

Eis o que elles dirão lendo a tua inconscienciosa defeza dos costumes e credulidades dos tempos do jesuitismo e da inquisição. —

Tal reparo antevejo eu que me hade ser feito pelos pensadores da nossa terra, por estas ou por outras palavras. Respondo — o que escrevi escrevi. A primeira vez que puz os olhos naquelles bonitos versos do Childe Harold, impei. Fui vivendo e lendo, e affiz-me ás injurias d'estranhos. Livros, jornaes seramadeira, jornaes populares, jornaes atoalhados, jornaes lençoes, em se tocando em Portugal, Santa Barbara, advogada dos trovões, nos acuda! Fervem as calumnias, os motejos, as accusações de todo o genero; o que inquestionavelmente é grande, é nobre, é generoso! O dar é assim! — n'uma nação cuja lingua pouco conhecida na Europa torna impossiveis as represalias. E se fosse a verdade só! — Muitas verdades amargas nos poderiam dizer, como se podem dizer a todas as nações do mundo; mas a calumnia tem mais pilheria; e Portugal é um thema em que até os inglezes querem ter graca! — Os francezes ainda alguma vez por engano nos fazem justiça: elles nunca. Em Inglaterra não

(1) Isto escrevia o nobre Lord em 1809, quando os inglezes reivindicavam dos francezes o throno de Beresford 1.º occupado pelo usurpador Junot 1.º — [Nota do gamenho que falta].

(2) Estylo epico em Inglaterra e na Cafraria.

(3) *Poor paltry slaves!* — Pobre na livre Inglaterra é synonymo de desprezivel e vil, por isso traduzo assim. — [Nota do gamenho orador].

ha nenhum tolo que não faça um livro de *tourist*, nenhum architolo que não o faça sobre Portugal: estes livros e os sermões constituem o grosso da sua litteratura (4). Assim, oh philosopho idealista progressivo, eu sei tão bem como tu o que nos ha-de custar a festa de S. Pantaleão, quando esta famosa historia fór cahir nas mãos dos criticos d'alem-mar. Não menos sei que será um desdouro para o Panorama, que segundo um modernissimo e magrissimo auctor dos dois gordos volumes sobre Portugal, fórma com as traducções de Walter Scott toda a nossa litteratura, porque, segundo aquelle grande doutor das gentes, foi por estas duas publicações que nós começámos a ver letra redonda. Sei tudo isso. Mas pensas tu que me faltará moeda para dar troco ás miserias de revisteiros, toristas, magazineiros, e fazedores de livros em sarapatel mascavado de normando e teutonico, surripiado por metade em cada palavra na melodiosa pronunciação britannica? Enganas-te, oh caricatura viva do Anthony morto! — Enganas-te! Quando os inglezes se rirem de elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos como creanças pelas barbas abaixo:—quando elles compararem o Strand ou Holborn com as arruamentos da nossa cidade baixa, agachemo-nos: quando perfilarem as suas estradas com as nossas azinhagas reaes, cubramos a cara. Mas quando compararem as venturas do homem de trabalho inglez com a triste sorte do peão portuguez, risada;—quando oppozerem as virtudes e illustração das suas classes infimas á barbaria e estupidez das nossas, duas risadas; quando encherem as bochechas das suas velhas liberdades [do tempo de Ricardo 3.º, de Henrique 8.º, d'Isabel, de Cromwel e de Carlos 2.º], das suas leis de propriedade em particular, e da clareza, simplicidade, e rectidão de todas as suas leis em geral, e nos atirarem á cara o absolutismo dos nossos antigos monarchas, a bruteza da nossa ordenação, a intolerancia dos inquisidores, trinta risadas: quando, emfim, nos offerecerem em escambo das nossas crenças, dos nossos costumes religiosos os seus costumes, e a sua crença, que esboróa ha mais de dois seculos em quatrocentas crençasinhas, com seus nomes muito arrevesadinhos, quatrocentas risadas, ou antes uma risada só, mas retumbante, maciça, inextinguivel, como aquellas famosas gargalhadas dos deuses d'Homero. O caso é disso! — Se cahissemos na troca ficavamos logrados. Traziam-nos d'involta na carregação dos sermões domingueiros os dizimos e as bruxas, de que ha muito estamos livres pela misericordia divina, e que são os dois maiores flagellos da Inglaterra, depois da lei dos cereaes, e dos arrendamentos das terras, que alugam, até por semana, a dez milhões d'esfaimados, quatrocentos mil proprietarios gordos e anafados.

Ao menos são quatrocentas mil barrigas d'uma amplidão respeitavel, campeando entre dez milhões de irmãos nossos, que não foram formados de barro, como nós e Adão, mas de massa insonsa de batatas.

(Continúa no seguinte numero).

(A. Herculano).

(4) Não me persuado de que nenhum leitor tome ao pé da letra este brinco litterario. A Inglaterra possui no seu gremio muitos homens honestos, sabios, e por todos os modos respeitaveis. Mas a essa classe não pertencem por certo aquelles que propondo-se illustrar o povo escrevem ácerca de uma pobre nação, que nunca os offendeu, toda a casta de absurdos e mentiras insulsas.

DESCRIPÇÃO DOS CUNHOS, DENOMINADOS — CONTOS
PARA CONTAR.

São todos elles [os que temos visto] de cobre, ou de latão, e teem o tamanho, porem com mais grossura, da moeda de duzentos e quarenta réis. Uns teem de um lado as Armas de Portugal com as 5 quinas em aspa, e 14 castellos, e na orla: *Dineiros de contus P. D.*, e do outro um pelicano, com filhos em ninho, ferindo o peito, e a lenda: *Contus. Contus. Contus. Contus.* Outros um escudo coroado (*) com 5 estrellas, e 15 castellos, e a letra: *Cont. Cont. Cont. Cont.*, e do outro uma esphera armillar, e a lenda: *Contu. Contu. Contu. Contu.* Outros cinco SS em cruz, e a letra: *Contus. Contus. Contus. Contus.*, e do outro um pelicano, como acima referimos, e a lenda: *Contus. Contus. Contus. Contus.* Outros um escudo coroado com 4 quinas e 5 estrellas em aspa, e a letra: *U: M: U: U: M: U: U: M: U: U: M: U:* e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Contus. Contus. Contus. Contus.* Outros 5 quinas, e 4 castellos, e a letra: *Contu de contar: faz conta;* e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Contus. Contus. Contus. Contus.* Outros um escudo coroado, contendo 5 estrellas em cruz, e a letra: *Contos pera contar*, e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Contos pera venda.* Outros um escudo coroado, com 5 quinas, e 14 castellos, e a letra: *Contus pera contar. C.*, e do outro a esphera armillar circumdada de 6 estrellas, e a lenda: *Contus pera contus. P.* Outros as Armas do reino, e a letra: *Contus pera contar*, e do outro a esphera armillar rodeada de 10 estrellas, e a lenda: *Contus pera contar. C.* Outros as Armas de Portugal com as quinas em aspa, e a letra: *Contos pera contar con: D:*, e do outro a esphera armillar com a lenda: *Contos pera vveerdade.* Outros as Armas portuguezas, e a letra: *Ioannes 3. R. P. et. A. D. G. C. N.*, e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Contos D. R. D. P. e pera ho.* Outros as Armas do reino, e a letra: *Contos pera contar*, e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Contos pera contaar.* Outros as Armas de Portugal, com as 5 quinas, e 10 castellos, e a letra: *Conto e tear — e — colar.* e do outro a esphera armillar, e a lenda: *Divisa de Rei de Portugal.* Outros as Armas portuguezas, com 5 quinas, e 11 castellos, e a letra: *Ioannes 3. Portuga: D — N:*, e no reverso a esphera armillar, com a lenda: *Omnis: spes: ejus: in: D: E:*. Outros um escudo ovado com 5 quinas, e 4 SS, e a letra: *Contus. Contus. C:*, e por fóra junto á garfilha a lenda: *Contu. Contus. Ctus. C:*, e do outro a esphera armillar, e o letreiro: *Cont. para contar. C;* Outros [do tamanho de uma moeda de cento e vinte réis] a cruz de S. João de Malta, e 4 estrellas nos vãos, e a letra: *En laton a bon servicio*, e no inverso 5 quinas, e a inscripção: *Mon galar-don.* Vejam-se todos estes cunhos, no Gabinete de medalhas e antiguidades da bibliotheca nacional.

Foi, julgámos, de França que passou a Portugal no 16.º seculo o uso destes cunhos: pondo-se-lhes a lenda indicativa de *Contos para contar*, que lhes dá o nome, e com que são conhecidos. A sua serventia era como a d'uma arithmetica pratica, principalmente destinada ás operações do calculo entre o vulgo e gente de menos instrucção.

O Abbade Castro.

(*) São todos elles abertos. Elrei D. Sebastião foi quem fechou a corda como imperador.